

Ricardo Cravo Albin

Lembranças do Rio visto por estrangeiros

A tragédia que está a ocorrer no Rio Grande do Sul me fez voltar a mente às impressões cheias de sabedorias do escritor norte-americano John Dos Passos, isso lá pelos meados de 1962 quando o ciceroneei no Rio a pedido de Enaldo Cravo Peixoto. Dos Passos já conhecia e gostava muito do Rio desde 1948 quando a revista Life o contratou para uma grande reportagem sobre a América do Sul. Ele, já então, figurava no primeiro time da imprensa americana desde a cobertura da Guerra Civil Espanhola. Ademais, seus livros já o indicavam como um dos principais romancistas do Séc.XX. Pois bem, Dos Passos deixaria muito claro o seu interesse por dois assuntos. O primeiro e mais insistente era sua preocupação com o

escoamento das águas no Rio em casos de temporais extremos. Ele me questionava desafiadoramente - "O que ocorrerá na cidade se a Baía de Guanabara transbordar? ainda bem que vocês não tem aqui um rio caudaloso margeando a cidade". O segundo assunto de seu interesse era visitar Oscar Niemeyer, de quem ele se declarava admirador desde a inauguração de Brasília. O que cumpro logo depois de visitar com ele uma favela, o que, aliás, o levou a me declarar sua inquietação com a ocupação das encostas do Rio, maior a cada visita sua.

O Rio de Janeiro sempre foi saudado, especialmente por estrangeiros, mas também pelos cariocas que o amamos, como a raríssima cidade em que morros e monta-

nhas quase tocam o bordado de suas praias e lagoas. Aco-me até registrar a frase eloquente que ouvi ser emitida por dos Passos "Eu nunca vi tamanha conjugação carnal de belezas naturais, com essas encostas verdes se debruçando sobre o mar, como a beijar as tetas sensuais de suas praias e lagos".

Pois o Rio, nessas ultimas quatro/cinco décadas de pouca sensibilidade para administrá-lo, vem sofrendo vários castigos que, imerecidos, são provocados por seus administradores, muitas vezes bisinhos, provincianos e incapazes de lidar com a sua grandeza.

Não quero me referir agora à vergonhosa poluição da Guanabara, nem tampouco à desordem e feiura urbana que os camelôs e mafuás provocam nas ruas e nas praias.

O assunto deste artigo são as encostas do Rio, o ponto crucial de sua beleza e também de sua definição como cidade- mulher, "única e ondulante nas formas redondas", como a ela se referiram os poetas Orestes Barbosa e Noel Rosa.

Pois bem, essas encostas, que abrigavam uma luxurriante Mata Atlântica, vêm sendo ocupadas indevidamente, e não nesses tempos de agora. O que espanta é a sistematização da destruição, o que comove é que em plena década de hoje quando a consciência ecológica é assunto prioritário nas escolas primárias, a gente vê as encostas sendo ocupadas sem uma aparente grita generalizada, seja das associações de bairro, seja dos administradores da cidade.

Paulo César Caju*

Em terra de cego, quem tem olho é rei

Geraldinos, antes de falarmos propriamente do futebol, eu, como ex-jogador e ex-atleta do Grêmio, não posso deixar de falar dessa tragédia no Rio Grande Sul. Tenho vários amigos gaúchos e muitos estão sem casas e perderam muita coisa que construíram ao longo da vida. Mais do que o lado esportivo em questão, deve-se olhar o lado humano e CBF e Conmebol deveriam paralisar todos os campeonatos em respeito ao estado e aos clubes, que ficarão dias sem treinar e com o psicológico abalado, pois muitos atletas devem ter perdido amigos e parentes nesta catástrofe climática. Fora isso, estamos próximos ao inverno, e no Sul, como já sabemos, faz muito frio. Imagina esse povo sem água, luz e comida em temperaturas próximas ou abaixo de zero? Os dirigentes precisam olhar mais para o espetáculo além do campo e perceber o quanto isso é ruim para a imagem das confederações. Se fossem parentes deles, iriam continuar os torneios? Muitos clubes gaúchos estão pedindo essa paralisação geral e alguns do Brasil também estão aderindo à causa, porque o fator psicológico é muito grande e abala qualquer um que entra no gramado. Mesmo sendo a sua profissão, ele está jogando, enquanto outro sofre com a perda de amigos e familiares.

Indo para o futebol agora, nosso professor Pardal Tite está demais. Primeiro, a desculpa foi a altitude. Depois, o gramado. E agora

a questão mental dos jogadores. Ora, quando ele vai perceber que o problema está nele? Além de Tite, essa escola portuguesa no Brasil está deixando os torcedores com muitos cabelos brancos. A nova foi por um zagueiro de centroavante. Esse Arthur Jorge pode até render um bom trabalho no Botafogo, mas faz o feijão com arroz que é melhor do que inventar e tirar atleta de posição!

E, claro, nossos questionáveis John Kennedy e Gabigol. Enquanto os presidentes dos clubes e os treinadores ficam passando a mão na cabeça, eles não vão aprender. Por mais que Gabigol já seja um jogador com mais experiência, ele ainda não aprendeu a ser um atleta melhor no extra campo. Já John Kennedy deveria ter mais assistência psicológica do Fluminense ou venha a ser internado numa clínica de reabilitação, pois tem talento, mas não vai chegar longe assim.

Antes das pérolas, não posso deixar de mencionar a Liga dos Campeões da Europa. Borussia Dortmund eliminar o PSG e se classificar para a final é uma grande zebra, ainda mais porque a equipe francesa não contou com o brilho de Mbappé, que tinha a grande chance de mostrar seu talento e liderança no time, já pediu a saída de Messi e Neymar para renovar e ser a grande estrela do elenco. E o Real Madrid que mesmo com um time retranqueiro conseguiu vencer o Bayern de

Munique e ir para mais uma decisão. Aliás, a vitória do Real só reflete o quanto os clubes estão falando mais alto do que as seleções. Se a equipe de Madrid vencer pela sexta vez a Champions, ficará no auge do futebol europeu. E a Espanha, o que ganha? Nada, pois não tem mais jogadores de qualidade sendo protagonistas de Real e Barcelona. Hoje, são os brasileiros Vini Jr e Rodrygo que comandam o time madrileno, por exemplo. Por mais que essa abertura para que mais atletas de outros países possam atuar nos clubes europeus, com o intuito de melhorar o futebol local, isso também tira o destaque dos jogadores da base e faz com que os times venham a ser mais os protagonistas do que a própria Seleção. Um exemplo aqui no Brasil é o Palmeiras. Quantos brasileiros do elenco Alvirverde poderiam vestir a Amarelinha? Quantos estrangeiros vestem as camisas de suas seleções sul-americanas? Reitero: enquanto ficarmos contratando jogadores medianos de Argentina, Colômbia, Equador, Peru etc, nosso futebol também ficará mediano e com os atletas talentosos indo para a Europa mais cedo ainda.

Pérolas da Semana

1 - "Fatiada na bola (traz o facão), meia centrais por dentro, espetada na intensidade baixa ou alta, fazendo o corredor pelos lados".

2 - "Chapou a cara da bola (bola tem gomos!), empurrando o adversário para

trás, para lutar pelo segunda bola (só tem uma em campo!), subindo o sarrafo".

3 - "Encaixou, encaixar e potencializar por dentro, com dois caras pelo lado, virando a bola pela vertical e horizontal na sustentação, para quebrar várias linhas"

4 - "A bola não está sendo azeitada (chama o maître do restaurante) para quebrar as linhas e mudar de direção"

5 - "Atacar as costas dos zagueiros (como?), ficando confortável e com conforto no campo (pegue o sofá e a pipoca para ver o jogo), com as possibilidades vindo pelas linhas mais convencionais, com o botão de pânico sendo acionado cedo demais".

6 - "Observadores externos decididos nesta rota criam espaço não coberto (futebol não tem metaverso), com um time encorpado, saindo da referência e tendo a leitura (visão!) do passe".

7 - "Tem ficado mais cômodo fora da curva, com referência e identidade da cara do treinador, encorpado e azeitado, melhorando a identidade, encaixando um cara mais espetado no ataque, mais agudo, que briga com a bola aérea, fazendo uma dinâmica melhor do jogo, amassando o adversário".

***Ex-jogador de futebol. Fez parte da seleção do Tricampeonato Mundial no México em 1970. Atuou nos quatro grandes clubes do Rio (Flamengo, Botafogo, Vasco e Fluminense), Corinthians, Grêmio e Olympique de Marseille (França).**

EDITORIAL

Furta-cor e a maternidade

O mês de maio chama a atenção para uma nova campanha na capital federal: maio furta-cor, mês para a conscientização da saúde mental materna.

De acordo com o dicionário, Furta-cor é um cor que varia de acordo com a luz que recebe. Ao contrário de um arco-íris, que é um compilado de várias cores unificadas e visíveis, furta-cor é uma cor que não é estática, é volátil. Assim com a maternidade.

Ao contrário do que se vende na grande mídia, o processo completo da maternidade (desde os nove meses de gravidez, os primeiros anos do bebê e os cuidados para o resto da vida), não são um mar de rosas. A maternidade precoce ou tardia, a falta de apoio psicológico e emocional durante a gestação, a incerteza de não perder o emprego em decorrência da licença-maternidade são alguns dos diversos fatores que levam à preocupação de futuras mães.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma em cada cinco mulheres terá um episódio de alguma doença mental durante a gravidez ou no ano após o nascimento do bebê. Segundo a OMS,

momentos que alteram a vida, como gravidez, nascimento e paternidade precoce, podem ser estressantes para as mulheres e seus parceiros, quando essas mulheres não são mães solo. Isso pode resultar nessas mulheres passando por um período de saúde mental debilitada ou sofrer um agravamento de condições pré-existentes.

Isso alerta para reforçar o esforço no cuidado com gestantes e mulheres que serão mães. As alterações hormonais, as cobranças excessivas, as mudanças no corpo e falsa crença popular de que, quando uma mulher vira mãe, ela perde sua identidade. A maternidade é algo importante e belo, mas antes da mulher ser mãe ela é uma pessoa, com desejos, vontades, limites e sonhos.

A maternidade é furta-cor: ela varia de acordo com a época da vida, com o desenvolvimento da criança e dependendo da forma como essa mãe é tratada. Mãe é furta-cor, é um ser plural, lindo e diverso a depender da luz em que é exposta.

Que nesse dia das mães, antes de ver nossas mães como mães, consigamos vê-las como pessoas que também precisam de cuidados e atenção.

Paralisação é questão de bom senso

O Brasil está enfrentando provavelmente a maior catástrofe natural já registrada neste século. As enchentes do Rio Grande do Sul chocam diretamente a população porque acontece em ambiente urbano, diferentemente das queimadas que quase extinguiram o Pantanal em 2020. E infelizmente, a sociedade brasileira sente mais empatia quando vê pessoas em tragédias em vez de considerar todo desastre como grave.

Em um gesto de pura insensibilidade, o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues, anunciou a suspensão dos jogos dos times gaúchos dos jogos do Campeonato Brasileiro. E ainda assim, só o fez após os times do Rio Grande do Sul pressionarem a Federação Gaúcha de Futebol pela paralisação pelo período de 20 dias para avaliar a situação das cheias.

No entanto, suspender apenas os jogos é um absurdo. Não

apenas pelo fator esportivo, que terá um Brasileiro desequilibrado por ignorar os momentos dos times envolvidos nas partidas adiadas, mas principalmente humano.

É de um extremo mau gosto obrigar atletas que estão com seus familiares e amigos correndo risco de vida a jogar partidas de futebol. Psicologicamente não há a menor condição.

Ao adiar apenas as partidas do gaúchos em vez de paralisar o Campeonato Brasileiro, a CBF não apenas faz pouco caso da tragédia, mas também passa a mensagem de que a vida humana vale menos do que as partidas de futebol.

Cenas como a do volante Thiago Maia, do Inter, ou do atacante Diego Costa, do Grêmio, ajudando o povo debaixo d'água deveriam sensibilizar o mandatário de que não há como jogar enquanto há pessoas ilhadas no Sul do país.

Opinião do leitor

Vão viver o dia!

Mães que geraram e mães que sempre amaram os filhos que não são seus, neste domingo (12 de maio) vão viver o dia a elas dedicado. Data em que com elas me confraternizo, pedindo a Maria mãe de Jesus, que nunca deixe de faltar o aconchego, o respeito e o carinho, tão necessários aos seus corações.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 100 ANOS: IRINEU MACHADO LUTA PARA SER SENADOR POR DF

As principais notícias do Correio da Manhã em 10 de maio de 1924 foram: devido a queda do franco francês, quatro bancos polo-

neses decretaram falência. Cessou o trabalho nas minas de Westfália, na Alemanha. Observatório de Manilha registra leve abalo sísmico. Irineu

Machado está preocupado em não ser diplomado como senador pelo Distrito Federal, apesar de ter vencido as eleições suplementares.

HÁ 75 ANOS: ONU DEVE FAZER SANSÕES MORAIS A FRANCO

As principais notícias do Correio da Manhã em 10 de maio de 1949 foram: Potências ocidentais debatem possíveis acordos com a URSS contra

o bloqueio de Berlim ou contraofensiva. ONU propensa a fazer sansões morais contra Franco. Governo chinês consegue conter comunistas em

Xangai. Holanda e Indonésia perto de acordo de paz. Ministérios do Trabalho e Viação aceitam novos salários dos marítimos.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
marcos.salles@jornalcorreiodamanha.com.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP: 22775-057

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.